

ENGLISH FOR KIDS: Um projeto de ensino de língua inglesa para Educação Infantil em uma escola pública municipal na cidade de Assú/RN.

Lara Sandrine de Lira Câmara ¹

Ana Vitória Freire Vieira ²

Kássio Roberto Brito Soares ³

RESUMO

Este artigo relata experiências de ensino de inglês para crianças através do projeto de extensão *English For Kids*, ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, Campus Ipanguaçu, e realizado na turma de 5º da Escola Municipal Professora Maria Neuda Bezerra, localizada na cidade de Assú/RN. O objetivo desse projeto foi possibilitar o ensino-aprendizagem de forma inclusiva, sendo trabalhado em cinco etapas metodológicas: avaliação das comunidades escolares presentes na região para sua execução, levantamento do número de alunos, visita da escola escolhida, teste de sondagem e elaboração dos conteúdos a serem estudados. As aulas aconteceram às segundas-feiras com a duração de 60 minutos. Foi observado, no decorrer dos encontros, que as crianças se sentiam cada vez mais motivadas a participarem das aulas quando reconheciam elementos da sua realidade e personalidade. Esperamos, com esse projeto, contribuir com as pesquisas na área de ensino de língua inglesa para crianças da educação infantil, além de apontar a necessidade de mais projetos de cunho social na inserção do conhecimento da língua inglesa em locais nos quais a educação é cada vez mais esquecida.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa, Educação Infantil, Motivação.

INTRODUÇÃO

A educação, segundo a Constituição Federal de 1988, é um direito de todos e deve ser ofertada de maneira igualitária a fim de proporcionar isonomia a todos os indivíduos. Contudo, na prática, isso não é cumprido, uma vez que existem graves divergências no ensino do Brasil, principalmente no que se refere às escolas públicas e privadas. Historicamente, de acordo com Peroni *et al* (2013), sob a perspectiva do sistema capitalista, pode-se observar que a União não se responsabilizava pelas diretrizes educacionais do país, deixando-as sob a guarda da esfera privada, o que tem como consequência um processo de elitização da educação.

Conforme a Base Nacional Curricular Comum (2017), o inglês como uma língua franca, isto é, como um idioma universalizado que visa à sistematização da comunicação atentando-se

Artigo resultante do projeto de extensão *English For Kids*, financiado pela Pró-Reitoria de Extensão do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – Proex.

¹ Aluna do curso Técnico Integrado em Meio Ambiente do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Ipanguaçu, larasandrine27@gmail.com;

² Aluna do curso Técnico Integrado em Meio Ambiente do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Ipanguaçu, anavitoriafvieira@hotmail.com;

³ Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Ipanguaçu, Mestre em Ensino pelo POSENSINO. kassio.soares@ifrn.edu.br.

a suas funções sociais e políticas, tem a sua obrigatoriedade estipulada a partir do 6º ano, no início do Ensino Fundamental. Desse modo, há uma tendência à heterogeneidade do ensino da língua inglesa nas instituições brasileiras, tendo em vista que os estabelecimentos de ensino privados buscam oferecer essa disciplina da sua matriz acadêmica desde a educação infantil, utilizando o sistema bilíngue como forma de se destacar no mercado de idiomas, que se tornou bastante competitivo no país para atender às demandas da modernidade (PONTES; DAVEL, 2016). Enquanto isso, os alunos matriculados em instituições públicas de ensino têm um contato tardio com essa língua estrangeira, no formato de matéria escolar, e por isso podem apresentar maiores dificuldades em assimilar o idioma.

É importante destacar que há diversas vantagens do aprendizado de uma língua adicional logo na primeira infância. Podemos citar como exemplo um maior estímulo das atividades cognitivas e de raciocínio da criança. Além disso, a língua está ligada a questões identitárias e culturais e por isso o entendimento de um novo universo cultural estimula a criatividade e oferece oportunidades. Logo:

Embora se tenha acreditado, por um longo tempo, que a aprendizagem de duas (ou mais) línguas ao mesmo tempo pela criança pudesse ser prejudicial para o seu desenvolvimento, estudos recentes mostram que ele é vantajoso, especialmente no que diz respeito à antecipação de sua consciência metalinguística. (SANTOS, 2009, p.33)

Diante dessas vantagens, ratificando o pensamento de Colombo e Consolo (2016, p.22), é importante considerar a oferta da língua inglesa a partir da segunda infância, independentemente de classificação socioeconômica ou localização geográfica, quando a criança já possui um entendimento da língua materna. A partir dessa percepção, nota-se que, na prática, isso não é aplicado. Nesse sentido, as escolas particulares de idiomas tornam-se um mercado bastante competitivo no país, contrastando com a realidade de crianças matriculadas em instituições públicas de ensino, visto que o seu primeiro contato com a língua estrangeira é, muitas vezes, mais tardio ou até mesmo inexistente.

Ademais, em alguns casos, outros fatores influenciam na desigualdade das formas de ensino no país, entre eles está, principalmente, a vulnerabilidade social associada às periferias onde há, comumente, problemas de estruturação familiar e relações – diretas ou indiretas – como a violência. Pode-se destacar, também, a falta de infraestrutura adequada nas escolas, bem como a lotação das salas de aula e a disparidade etária entre os alunos, que, muitas vezes,

encontram dificuldades básicas de alfabetização. Estes aspectos caracterizam o cotidiano da maioria das escolas públicas brasileiras, pois:

Muitos dos problemas observados no âmbito do ensino de inglês são característicos do sistema de ensino público como um todo, afetando tanto escolas municipais quanto estaduais, de norte a sul do país. As principais dificuldades encontradas são indicativas de ambientes de alta vulnerabilidade social, onde se encontra violência dentro e fora da escola, excesso de alunos nas salas de aula, turmas desniveladas, falta de recursos didáticos, alunos com problemas básicos de leitura e escrita e a existência de funcionários com contratos de trabalho precários e insatisfação com seus salários. (BRITISH COUNCIL, 2015, p. 7)

Outro aspecto relevante a ser levantado são os processos metodológicos utilizados, uma vez que as crianças possuem necessidades pedagógicas diferentes em suas diferentes etapas de crescimento. Assim, é importante que as aulas apresentem um caráter mais lúdico e recreativo para as crianças durante a primeira infância, familiarizando-as com expressões, vocabulários e brincadeiras que estejam presentes em seu cotidiano, criando um sentimento de afinidade com o idioma que possa ser amadurecido nos anos seguintes.

A falta de material didático e de recursos tecnológicos apresenta-se, portanto, como um empecilho para a aplicação de atividades práticas. Nesse contexto, cabe ao professor oferecer dinâmicas que aproximem o aluno do conteúdo ministrado, o que se torna uma tarefa desgastante diante da desvalorização da língua inglesa, tendo em vista que os alunos encontram dificuldade em associar o idioma a sua realidade.

O projeto de extensão *English For Kids*, proporcionado pelo *Campus Ipanguaçu* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, objetiva, portanto, oferecer uma introdução ao ensino da língua inglesa às crianças do quinto ano da Escola Municipal Professora Maria Neuda Bezerra, localizada na cidade de Assú, no bairro Parati 2000, possibilitando um conhecimento prévio dos conteúdos que serão estudados a partir do segundo fundamental. Para isso, selecionamos os conteúdos vigentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a elaboração de aulas teóricas que endossamos a partir de práticas e dinâmicas coletivas.

Considerando a diversidade etária da turma, a presença de alunos não alfabetizados ou em processo de alfabetização e, ainda, o fato de algumas crianças possuírem laudos psicológicos que identificam e comprovam a presença de hiperatividade e determinados graus

de autismo, buscamos apresentar algumas abordagens metodológicas multifacetadas visando a inclusão de todos os alunos ao conteúdo ministrado.

Para alcançarmos esse objetivo, trazemos para o projeto de extensão *English For Kids* a ideologia, fomentada por Polidório (2017), de que o estudo da língua não deve ser dissociado da própria cultura, pois não há uma maneira absolutamente correta de falar e que os sotaques e variações linguísticas devem ser respeitados tanto em sua língua materna quanto na aprendizagem de uma nova, tendo a comunicação oral como principal foco deste estudo.

Acreditamos que o ensino da língua inglesa deve estar integrada a um sistema educacional inclusivo e apresentar atividades diversificadas que permitam aos alunos se sentirem confortáveis dentro da sala de aula, dessa forma eles poderão manifestar as suas próprias personalidades e dificuldades, desenvolvendo, conseqüentemente, um espírito cooperativo entre si no processo de apropriação dos conteúdos ministrados.

METODOLOGIA

Com a finalidade de proporcionar o ensino-aprendizagem da língua inglesa de forma inclusiva, trabalhamos com cinco etapas metodológicas. Primeiramente, foram avaliadas as comunidades escolares presentes na cidade de Assú, um dos municípios atendidos pelo Campus Ipanguaçu do IFRN e, com isso, foi feito o levantamento do número de alunos que participariam das aulas.

Posteriormente, houve a visitação da instituição de ensino escolhida, a Escola Municipal Professora Maria Neuda Bezerra, a fim de conhecermos os professores e estudantes. Em seguida, foi realizado um teste de sondagem aplicado por meio de um questionário oral em que as crianças expuseram os seus conhecimentos empíricos a respeito de seus contatos individuais com a língua inglesa. Assim, pudemos perceber a familiaridade com algumas palavras e expressões do idioma, como também a motivação para aprender a língua inglesa.

A partir dessa avaliação, foi possível passarmos para a quarta etapa metodológica, quando os conteúdos e os materiais trabalhados em sala de aula foram escolhidos e foi elaborado o cronograma mensal de aulas. Por fim, passamos para a quinta e última etapa, iniciada no dia 8 de maio de 2019, quando as aulas começaram a ser ministradas, acontecendo às segundas-feiras, durante 60 minutos. O projeto de extensão foi realizado seguindo um estudo qualitativo fundamentado por Godoy (1995), para que houvesse a compreensão da conjuntura escolar e o desenvolvimento da pesquisa de modo que todos os alunos pudessem melhorar suas

habilidades cognitivas e expandir os seus conhecimentos na língua inglesa respeitando, sempre, suas subjetividades.

Buscamos, durante a terceira etapa do projeto, estudar métodos que facilitam o entendimento do conteúdo apresentado em sala. Desse modo, trabalhamos com músicas, imagens associadas à leitura, animações, atividades de repetição oral, jogos didáticos e exercícios que fomentam o desenvolvimento da escrita e da pronúncia, pois acreditamos, em concordância com Bonato (2014), que essas abordagens tornam os alunos mais íntimos do idioma de uma forma menos cansativa e monótona.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

É comum que os alunos de escola pública tenham uma visão desmotivada da língua inglesa, haja vista o pensamento de que o idioma não possui utilidade prática em seu país de origem. A lei nº 13.415/2017 tornou obrigatório o ensino da matéria de inglês a partir do 6º ano do Ensino Fundamental I, contudo, essa desmotivação, somada a fatores inerentes ao ensino público brasileiro, como vulnerabilidade social, desestruturação do núcleo familiar, faz com que muitos alunos saiam do Ensino Médio com um baixo aproveitamento do conteúdo. Dessa forma, há um elevado índice de reprovação e dependência quando os alunos são introduzidos aos conteúdos gramaticais.

Esse padrão pode ser observado na Escola Municipal Professora Maria Neuda Bezerra, local onde as aulas de inglês começaram a ser ministradas pelo projeto *English For Kids* para os alunos do 5º ano, último nível, do Ensino Fundamental I, ofertado pela instituição. Essas crianças, normalmente, estão expostas a níveis de violência urbana proporcionais ao ambiente em que vivem. A falta de planejamento e suporte familiar também são fatores que refletem no processo de ensino-aprendizagem dos alunos de forma geral. Podemos citar como consequência a construção de uma classe desnivelada no que tange ao processo de alfabetização. De 32 (trinta e dois) alunos matriculados na turma – com a faixa etária entre dez e quatorze anos –, 10 (dez) não são alfabetizados. Destes, alguns conseguem escrever o próprio nome e imitar a escrita do que veem copiado no quadro, outros possuem dificuldades em identificar as próprias letras do alfabeto. Além disso, 5 (cinco) alunos apresentam laudos psicológicos como hiperatividade e alguns graus de autismo, por esse motivo a professora da turma conta com a ajuda de um estagiário, do curso de História (UERN), que, por meio do programa de estágio do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), atua como auxiliar ajudando os alunos a acompanharem as aulas e a realizarem as atividades.

Diante disso, é importante pontuar o papel do profissional em criar abordagens que desperte em todos o interesse por um saber que, tornando-se significativo, pode ter grandes impactos na comunidade e na vida pessoal do aluno. Buscamos, no decorrer de cada aula ministrada, despertar nos alunos a vontade de conhecer mais sobre o mundo, sobre si mesmos e sobre a sociedade em que estão inseridos para que, juntamente com o aprendizado da língua estrangeira, eles possam ser capazes de crescer tendo consciência de que existem infinitas possibilidades e caminhos e que o contexto socioeconômico e cultural no qual estão inseridos não são fatores determinantes de suas capacidades, pois, conforme Libâneo (2013, p. 24):

O caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana, através de objetivos e meios estabelecidos por critérios socialmente determinados e que indicam o tipo de homem a formar, para qual sociedade, com que propósitos.

Entendemos o estudo de inglês como uma linguagem científica capaz de promover oportunidades no mundo globalizado. No entanto, concordamos que: “A relação entre a língua inglesa e a possibilidade de ascensão de novas conquistas precisa ser abordada de maneira mais veemente no contexto escolar” (BONATO, 2014, p.18). Assim, é essencial que a educação seja encarada como prioridade e que haja investimentos direcionados à infraestrutura e à capacitação do corpo docente nas escolas públicas do país.

Logo no primeiro contato com os alunos, durante a terceira etapa metodológica, referente à apresentação, percebemos que eles manifestaram bastante interesse em participar do projeto, e a expressão “Como isso se chama em inglês?” foi bastante recorrente. Foi apenas no teste de sondagem que foi possível traçar um perfil preliminar da turma, que se mostrou bastante diversificada e ajudou na seleção dos conteúdos programados e no planejamentos de aulas.

O questionário foi aplicado oralmente com o intuito de descobrir qual o nível da turma e a afinidade com determinados assuntos. Entre todos os alunos, dois haviam estudado anteriormente em escolas privadas e já tinham um conhecimento prévio estabelecido por suas vivências anteriores e, portanto, manifestaram um vocabulário maior do que os demais colegas. Sabiam, por exemplo, os dias da semana completos, os números e o alfabeto. Em geral, os alunos demonstraram um bom entendimento sobre cores e gostavam de repetir as palavras em inglês em uníssono. Conhecimentos mais específicos de vocabulário como adjetivos, partes do corpo humano, animais e membros da família eram termos desconhecidos para a grande maioria.

Quanto a expressões básicas de apresentação, apenas 4 (quatro) alunos souberam identificar termos como “*Hello, What’s your name?*”, referente a 12,5% da turma, e apenas 3 (três) conseguiram responder adequadamente a esta pergunta.

É válidos ressaltar que os desenhos animados e jogos eletrônicos configuram-se como fatores positivos para o crescimento linguístico das crianças. No decorrer das aulas, é comum que ocorra a associação do vocabulário utilizado em desenhos como “Dora, a Aventureira” e de expressões típicas de *video game* como *play, pause, stop, let’s go*. A partir desta observação, nota-se que os alunos – até mesmo os mais tímidos – se sentem mais motivados a participarem das aulas quando reconhecem elementos de sua própria realidade e personalidade.

Após quatro meses do início das aulas, pode-se dizer que foi formado um vínculo de relação entre professor-aluno que favorece o ambiente dentro da sala de aula, possibilitando uma comunicação mais clara e sem muitas interferências. Atividades práticas auxiliaram nesse processo, uma vez que as crianças sentiam-se cada vez mais estimuladas a participar e aprender. Para ilustrar tal afirmação, podemos citar, por exemplo, as apresentações musicais, feitas e elaboradas em inglês, que ocorreram dentro e fora de sala proporcionando ao aluno o desenvolvimento de uma autoconfiança na pronúncia de palavras com as quais antes se mostravam retraídos.

Para o evento escolar do dia dos pais, sugerimos aos alunos que realizassem uma apresentação em coral da música “*Love Me Tender*” do cantor Elvis Presley. A experiência foi recebida com entusiasmo e os alunos levaram a música até mesmo para fora da aulas de inglês, ensaiando juntos durante os momentos livres extra-classe. Esse momento foi bastante importante para endossar os conteúdos assimilados, uma vez que:

Adequar a música à aprendizagem de inglês (LEM) é uma proposta que pode trazer grandes benefícios aos educandos. Ao associarmos a música cantada à aprendizagem de LEM estamos propiciando situações enriquecedoras e organizando experiências que garantem a expressividade e aprendizagem de nossos alunos. (VICENTINI E BASSO, 2008, p.5)

Outra abordagem utilizada foi a aplicação de dinâmicas. Trabalhar o conteúdo de maneira descontraída gera uma motivação entre os alunos, que encontram nas brincadeiras de sala, como o *Hang Man*, conhecido como Jogo da Forca, e no bingo de palavras, uma forma de estender o vocabulário trabalhado durante as aulas enquanto todos eles, independentemente de suas limitações pessoais, podem participar.

Nesse contexto, o modelo educacional que ultrapassa os limites formais da sala de aula é defendido por Silva [s.d], p. 4:

(...) a educação assume um caráter amplo e não se restringe às situações formais de ensino-aprendizagem. Os conceitos têm início numa atividade mediada em relação ao objeto. Eles são formados quando os indivíduos se deparam com o objeto, partem do concreto para o abstrato. Desta maneira, o papel do professor é fundamental, ele é o responsável pela mediação intencional do conhecimento. Por meio de um trabalho educativo, acontece a superação das formas mais primitivas de consciência, o que conduz que apropriação de contextos e implica na criticidade do aprendiz.

A prática educativa de lecionar seguindo uma metodologia pautada em atividades lúdicas e recreativas é bastante benéfica e gera nos alunos uma motivação para aprender e participar das aulas que não se relaciona com o sistema formal de pontos, uma vez que não realizamos tarefas avaliativas. Por conseguinte, novos valores e o sentimento de cooperativismo são desenvolvidos, e esperamos que isto tenha um impacto positivo sobre as crianças e sobre a comunidade em que estão inseridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão *English For Kids* foi aplicado na turma do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Maria Neuda Bezerra na cidade de Assú, estado do Rio Grande do Norte. Apesar de trabalharmos com uma realidade local, percebemos que as dificuldades vivenciadas neste objeto de estudo são refletidas na esfera nacional. O objetivo foi conduzir as crianças participantes à construção de um saber introdutório da língua inglesa por meio de práticas lúdicas, interativas e, sobretudo, inclusivas. A partir das experiências em sala de aula, nota-se que, em geral, os alunos demonstram interesse em participar das aulas e se sentem orgulhosos de si mesmos ao identificarem uma palavra ou expressão em inglês. Contudo, ainda existem algumas lacunas que precisam ser preenchidas não somente no que se refere ao trabalho com a linguística, mas também ao âmbito social.

No decorrer das aulas, observamos algumas dificuldades, como, por exemplo, a ausência de materiais didáticos específicos para a língua inglesa e a carga horária reduzida – 60 minutos por semana. Apesar dessas dificuldades, o projeto de extensão não foi impossibilitado. É válido ressaltar também que os maiores obstáculos referentes ao ensino de inglês para crianças nas escolas públicas são aqueles inerentes à educação pública brasileira como um todo, isto é, a

vulnerabilidade social, a superlotação das salas, a falta de planejamento e organização familiar e o desnivelamento da turma.

Não obstante esta realidade, as crianças receberam o projeto com interesse e entusiasmo, demonstrando curiosidade em aprender novos vocábulos, principalmente, se estes estiverem relacionados ao seu cotidiano como, por exemplo, jogos eletrônicos, desenhos e programas de *Youtube*. Infere-se, portanto, que os alunos assimilam com mais facilidade os conteúdos quando conseguem relacioná-los de alguma forma às suas vivências de maneira prática. Nota-se que alguns alunos se apresentam mais retraídos quando não conseguem entender o conteúdo ministrado, mas, quando recebem uma atenção mais direcionada, conseguem assimilar o assunto e se enturmar bem.

No ano seguinte, conforme estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as crianças terão obrigatoriamente a disciplina de língua inglesa em sua grade curricular. Esperamos que, com o projeto de extensão, elas tenham consolidado uma base introdutória e fomentado um interesse que tem o potencial de impactar positivamente as suas vidas e a comunidade em que vivem. Acima de tudo, mostramos que o ensino-aprendizagem de um idioma estrangeiro vai muito além da configuração formal da uma sala de aula e que é possível aprender brincando e de maneiras descontraídas.

REFERÊNCIAS

_____. Lei nº 13.415, de 13 de fevereiro de 2017. **Reforma das diretrizes do ensino médio no Brasil**. Brasília, 2017.

BONATO, D.M. **A utilização da música como método de aprendizagem de língua inglesa**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em:

<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: Agosto de 2019.

CARVALHO, R.E. **Educação Inclusiva: Com os pingos nos “is”**. Editora Mediação. 10ª Edição. Porto Alegre, 2014.

COLOMBO, C.S.; CONSOLO, D.A. **O ensino de inglês como língua estrangeira para crianças no Brasil: cenários e reflexões**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. 163p.

GODOY, A.S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.2, p.57-63, 1995.

Instituto de Pesquisas Plano CDE. **O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira.** Elaborado com exclusividade para o British Council. Instituto de Pesquisas Plano CDE – 1ª Edição. São Paulo, 2015 - © British Council 2015.

LIBÂNEO, J.C. **Didática.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PERONI, V.M.V. *et al.* **Relações entre o público e o privado na educação básica brasileira: implicações para processo de democratização.** Políticas Educativas, Porto Alegre, v.7, n.1, p.92-109, 2013.

POLIDÓRIO, V. **O ensino da língua inglesa no Brasil.** E-Revista, v.8, n.2, 2014.

PONTES, V.F.; DAVEL, M.A.L. **O inglês na educação básica: um desafio para o professor.** Revista X, v.1, p.102-117, 2016.

SANTOS, L.I.S. **Língua inglesa em anos iniciais do Ensino Fundamental: fazer pedagógico e formação docente.** 274p. UNESP, São José do Rio Preto, 2009.

SILVA, E.P. **O lúdico, uma alternativa prazerosa de ensinar e aprender inglês.**
Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2540-8.pdf>>.
Acesso em: Setembro de 2019

VICENTINI, C.T.; BASSO, R.A.A. **O ensino de inglês através da música.** SEED/UEM, Paraná, 2008.